

**Paulo em Atenas: afinidades e estranhamentos  
entre o apóstolo dos gentios e os filósofos  
epicureus e estoicos**

**Paul in Athens: affinities and barriers  
between the Apostle e to the gentiles and the  
epicurean and stoic philosophers**

*Rodrigo Nunes do Nascimento*<sup>1</sup>

**RESUMO**

O artigo faz uma análise hermenêutica do encontro do Apóstolo Paulo com os filósofos epicureus e estoicos em Atenas. O encontro representa o convívio entre as duas principais escolas de filosofia do período helenístico-romano, o epicurismo e o estoicismo, com a tradição judaico-cristã, da qual Paulo é o maior representante. A ênfase do artigo é no relato de Atos dos Apóstolos com suporte de Diógenes Laércio em sua *Vidas e Doutrinas dos Filósofos Ilustres*, na *Carta a Meneceu* de Epicuro e em Flávio Josefo. A intenção é compreender, por meio do relato de Atos, as afinidades e estranhamentos entre o legado helenístico na filosofia, o politeísmo grego e o monoteísmo judaico-cristão.

**PALAVRAS-CHAVE**

Atenas; Epicurismo; Estoicismo; Judaísmo helenístico; Cristianismo.

**ABSTRACT**

The article makes a hermeneutic analysis of the meeting of the Apostle Paul with the Epicurean and Stoic philosophers in Athens. The meeting represents the conviviality between the two major schools of philosophy of the Hellenistic-Roman period, the Epicureanism and

---

<sup>1</sup> Mestre em História pela Universidade de Brasília (2018).

Stoicism, and the Judeo-Christian tradition, which Paul is the main representative. The emphasis is on the account of Acts supported by Diogenes Laertius in his *Lives and doctrines of the Illustrious Philosophers*, in the *Letter to Menoeceus* of Epicurus and in Flavius Josephus. The intent is to understand, through the account of Acts, the affinities and barriers between the Hellenistic legacy in philosophy, the Greek polytheism and the Judeo-Christian monotheism.

### KEYWORDS

Athens; Epicureanism; Stoicism; Hellenistic Judaism; Christianity.

O período helenístico, tradicionalmente datado entre a morte de Alexandre na Babilônia em 323 a.C. e a anexação do Egito por Roma em 30 a.C., ainda é um período histórico subvalorizado. Não há autor helenístico que seja um ícone a ponto de se comparar a Homero; e o mundo helenístico, em contraste com a Atenas e a Esparta clássica, é frequentemente pensado como um mundo mais complexo, como “uma coleção de mundos sobrepostos e interpenetrados contendo muitas culturas e economias”.<sup>2</sup>

Por que estudar história helenística? Em primeiro lugar, é preciso ressaltar que buscar o conhecimento do período helenístico é relevante em si mesmo. O estudo do período helenístico não precisa de justificação, assim como qualquer outro tipo de conhecimento histórico e científico. Não precisa, mas em uma resposta mais utilitarista para esta questão, Shipley ainda acentua que o estudo da história helenística pode prover treino histórico e experiência de análise para tornar-nos melhores pensadores no geral.<sup>3</sup>

O capítulo 17 do livro de Atos dos Apóstolos, mais especificamente dos versículos 15 ao 34, narra um acontecimento num cenário muito diverso: o apóstolo Paulo, um judeu fariseu com cidadania romana

---

<sup>2</sup> SHIPLEY, Graham. Recent trends and new directions. In: BUGH, Glenn (org.). *The Cambridge Companion to the Hellenistic world*. Cambridge: Cambridge University Press, 2007, p. 315-326.

<sup>3</sup> SHIPLEY, 2007, p. 317.

(At 23.6, 22.27-28), pregando a nascente fé cristã no Areópago, centro intelectual de Atenas, por volta de 50-52 d.C., e sendo questionado por filósofos epicureus e estoicos acerca da “nova doutrina” que se disseminava (At 17.18-19). Este artigo é um exercício de treino histórico e pretende mostrar como o período helenístico pode fornecer experiência de análise para uma hermenêutica deste texto bíblico. As escolas de filosofia epicurista<sup>4</sup> e estoica<sup>5</sup> nasceram durante o período helenístico, e nesse lapso de tempo, mudanças no politeísmo e no judaísmo prepararam terreno para o cristianismo.<sup>6</sup> Portanto, não se pode ter uma compreensão adequada do encontro de Paulo com os filósofos atenienses sem um conhecimento específico da história helenística.

Esse encontro entre duas principais escolas filosóficas do ecúmeno helenístico-romano e a tradição judaico-cristã, da qual Paulo foi o maior representante, suscitou uma série de questões de nível cultural, religioso e filosófico. Por meio da análise de Atos 17.15-34 é possível elucidar alguns traços dos estranhamentos e afinidades entre o politeísmo grego e o monoteísmo judaico-cristão sobre a divindade e a questão da ressurreição dos mortos (At 17.31-32), crença comum entre judeus do grupo farisaico (At 23.6). O objetivo é pensar a concepção de divindade e a possibilidade de ressurreição pelas lentes dos fundamentos das escolas epicurista e estoica. Assim, pode-se verificar o grau de rejeição e de aceitação da mensagem de Paulo, pois, enquanto alguns riam

<sup>4</sup> A escola epicurista foi fundada em Atenas por Epicuro (341-270 a.C.) em 306 a.C. O filósofo era filho de colonistas atenienses que ocuparam a ilha de Samos por 42 anos, até 322 a.C. Com a expulsão de sua colônia, Epicuro migrou para Atenas, lá estudou filosofia e estabeleceu sua escola (Diog. Laert. 10.1-4, SHIPLEY, Graham. Religion and Philosophy. In: SHIPLEY, Graham. *The Greek World after Alexander*. New York and London: Routledge, 2000, p. 153-191). Como Epicuro reunia-se com seus discípulos em um jardim, sua escola era conhecida desde a antiguidade como “Jardim” (*Kepos*), (DeWITT, Norman Wentworth. *St. Paul and Epicurus*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1954, p. 8).

<sup>5</sup> A escola estoica foi fundada por Zenão de Cício, que se mudou para Atenas em 312/311 a.C. A escola levou esse nome por Zenão ter ministrado suas aulas num pórtico (*stoá*). A história do estoicismo é dividida em três períodos: Antiga Stoá (Zenão, Cleante e Crisipo); Média Stoá (Panécio e Possidônio) e a Nova Stoá (Sêneca, Epicteto e Marco Aurélio), (REALE, Giovanni; ANTISERI, Dario. *História da filosofia: filosofia pagã antiga*. São Paulo: Paulus, 2003, p. 279-280).

<sup>6</sup> SHIPLEY, 2007, p. 318.

por Paulo ensinar a ressurreição de Jesus Cristo, (*Anastasia tou Cristou*) (At 17.32), houve pontos de contato que permitiram inclusive a conversão de Dionísio, o Areopagita, de uma mulher chamada Dâmaris, entre outros (At 17.34).

Interações tão diversas não seriam possíveis ou seriam pouco prováveis antes do período helenístico. Somente após Alexandre, o Grande, é que os greco-macedônios tiveram de fato uma confrontação com os romanos, celtas e judeus. De acordo com Momigliano, a era helenística presenciou “um acontecimento intelectual de primeira categoria”, que foi “a confrontação dos gregos com quatro outras civilizações, três das quais antes lhes tinham sido praticamente desconhecidas e uma que fora conhecida sob condições muito diferentes [a civilização persa]”.<sup>7</sup>

Atos dos Apóstolos 17.15-34 é a principal fonte para a análise. Para complementar a análise hermenêutica, outras fontes representam a intensa diversidade da era helenística: *Vidas e Doutrinas dos Filósofos Ilustres*, de Diógenes Laércio, e *Carta a Meneceu*, de Epicuro, que dão testemunho das escolas estoica e epicurista; e uma fonte judaica: o historiador Flávio Josefo, pelo qual podemos entender as principais configurações do judaísmo à época do apóstolo Paulo. Um conjunto secundário de fontes traz informações sobre o público ateniense de Paulo: *Quéreas e Calíroee*, de Cáriton de Afrodísias; e sobre a postura de filósofos epicureus diante de pregadores religiosos: *Alexandre ou o Falso Profeta* de Luciano de Samósata e *Sobre a natureza das coisas*, de Lucrecio.

Entre a Bíblia Hebraica e o Novo Testamento cristão, que formam o que conhecemos como o cânon protestante, existe o período intertestamentário, conhecido teologicamente como os “400 anos de silêncio”,<sup>8</sup>

<sup>7</sup> MOMIGLIANO, Arnaldo. *Os Limites da Helenização. A interação cultural das civilizações grega, romana, céltica, judaica e persa*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1991, p. 10.

<sup>8</sup> Esta expressão, recorrente no meio protestante, é análoga a expressão “céus fechados”, que designava a crença entre judeus dos últimos séculos antes de Cristo segundo a qual a profecia tinha cessado e o Espírito não mais descia sobre nenhum profeta em Israel (1 Mc 9.27). A esperança por um Messias acompanhava a expectativa de “céus abertos”. A partir do século II a.C., a apocalíptica judaica, como literatura e movimento cultural, se desenvolveu: “(...) foi do húmus apocalíptico, judaico e cristão, que nasceu o conceito de ressurreição que encontrou, no cristianismo, o êxito literário e dogmático que conhecemos” PAUL, André. *O que é o intertestamento*. São Paulo: Paulinas, 1981, p. 66.

apesar de algumas demonstrações claras do período helenístico na Bíblia Hebraica, principalmente no livro de Daniel. Já o cânon católico adotou livros deuterocanônicos da Bíblia Grega (a Septuaginta, LXX), como Tobias, Judite, Primeiro e Segundo Macabeus, Sabedoria de Salomão, Eclesiástico e Baruc. Essa adoção diminui o suposto “400 anos de silêncio” para um século, pois Sabedoria de Salomão foi escrita por volta de 50 a.C. e a epístola aos Tessalonicenses, o primeiro livro do Novo Testamento, cerca de 50 d.C.<sup>9</sup>

De qualquer forma, é a herança do mundo helenístico que passa despercebida pela maioria dos leitores e até mesmo estudantes da Bíblia. O intertestamento, independente de seus marcos cronológicos, é produto do novo mundo que se formou com a anexação do Império Persa por Alexandre a partir de 331 a.C., com a configuração dos reinos helenísticos após sua morte em 323 a.C. e a reconfiguração da Ásia Menor por Roma em 63 a.C. Se a profecia cessou e Deus ficou em silêncio por 400 ou 100 anos, como argumenta-se, o fato é que o mundo do Novo Testamento apresenta configurações muito diferentes do mundo do Antigo Testamento.

Ao lermos os Evangelhos e principalmente Atos dos Apóstolos, nos deparamos com a herança da subvalorizada e muitas vezes esquecida era helenística. Passemos, então, primeiro a uma contextualização do cenário, depois, à análise do encontro de Paulo com os filósofos atenienses no Areópago, que somente pode ser bem compreendido à medida que compreendermos a filosofia e o judaísmo helenísticos.

## **1. O apóstolo dos gentios em Atenas, um centro intelectual**

Antes da análise das afinidades e estranhamentos desse encontro intelectual de primeira categoria, é preciso apresentar Paulo e figurar Atenas. Afinal, o que um judeu fariseu de cidadania romana,<sup>10</sup> como

<sup>9</sup> PAUL, 1981, p.5-7. BÍBLIA DE JERUSALÉM. São Paulo: Paulus, 2002, p. 1103-1104, 1956-1957.

<sup>10</sup> Somente por meio do relato de Lucas sabemos que Paulo era um cidadão tanto de Tarso como de Roma (At. 21.39, 16.37, 22.25, 23.27). Houve questionamentos sobre o nascimento do apóstolo em Tarso e sua dupla cidadania, mas o mais provável é que os antepassados de Paulo receberam cidadania romana quando libertos por um cidadão

Paulo (At 23.6, 22.27-28), fazia na Ágora e no Areópago ateniense? (At 17.17-19).

Atos dos Apóstolos e o Evangelho de Lucas são os dois exemplos de obras de estilo historiográfico helenístico do Novo Testamento. Embora os textos sejam anônimos, segundo a tradição<sup>11</sup> foram escritos por Lucas, historiador e “médico amado” (Cl 4.14) e endereçados a Teófilo (At 1.1, Lc 1.1-4). Apesar de o Evangelho de Lucas aparecer entre os quatro evangelhos, ele difere-se dos outros três por apresentar-se conscientemente como um volume de história, assim como Atos.<sup>12</sup> O livro de Atos pode ser categorizado no mesmo amplo estilo ou gênero literário das obras de Flávio Josefo. Lucas e Flávio Josefo escreveram histórias, em grego, de acordo com as convenções do período e ainda em um estilo helenístico.<sup>13</sup>

Até o capítulo 9 de Atos, Paulo (ainda nomeado Saulo), judeu nascido em Tarso da Cilícia e discípulo de Gamaliel<sup>14</sup>, é o ferrenho perseguidor dos primeiros cristãos (At 9.1-2, 22.1-16, 26.9-18). Depois da prisão e apedrejamento de Estêvão (At 6.8-15, 7.55-60), dos quais Saulo foi cúmplice (At 8.1), houve uma grande perseguição contra a Igreja que se estabelecia em Jerusalém, e, exceto os apóstolos,<sup>15</sup> os discípulos e

---

romano e que de nascimento o apóstolo foi membro da comunidade judaica em Tarso (HENGEL, Martin. *The Pre-Christian Paul*. In: LIEU, Judith; NORTH, John; RAJAK, Tessa (eds.). *The Jews among Pagans and Christians in the Roman Empire*. London: Routledge, 1992, p. 30-32).

<sup>11</sup> O Evangelho de Lucas e Atos dos Apóstolos possuem características semelhantes no estilo, vocabulário e gramática, o que sugere mesma autoria e até mesmo unidade literária. O testemunho mais antigo da tradição que atribui ambas as obras a Lucas é o Cânon de Muratori, que contém a lista mais antiga dos livros do Novo Testamento, sendo tradicionalmente datado por volta de 170 a 200 d.C. (SCHNABEL, Eckhard J. *The Muratorian Fragment: the state of research*. *Journal of the Evangelical Theological Society* 57/2, 2014, p. 231-264).

<sup>12</sup> MASON, Steve. *Josephus and the New Testament*. Massachusetts: Hendrickson Publishers, 2003, p. 252.

<sup>13</sup> MASON, 2003, p. 251.

<sup>14</sup> Onde Paulo recebeu sua educação básica permanece uma questão aberta. Jerusalém e Tarso são possibilidades, pois é impossível separar educação grega e educação judaica em Paulo. Paulo teria se desenvolvido como acadêmico fariseu estudando com Gamaliel I, proeminente professor fariseu de sua época (HENGEL, 1992, p. 30, 36).

<sup>15</sup> A informação de que os doze apóstolos permaneceram em Jerusalém sugere que a nascente comunidade cristã em Jerusalém consistia em dois grupos de comunidades

seguidores dos ensinamentos de Jesus Cristo espalharam-se pela Judéia e Samaria (At 8.1).

Saulo de Tarso foi um dos principais líderes da grande perseguição à Igreja em Jerusalém. Em Atos 8.3, Saulo é o devastador da Igreja<sup>16</sup> que entrava pelas casas e prendia homens e mulheres que professassem a nova “seita”. Pediu autorização e cartas ao sumo sacerdote para que pudesse prender os que pertencessem ao “Caminho” (*tes odou ontas*) e estivessem nas sinagogas de Damasco (At 9.1-2). Na época dessa grande perseguição, Saulo provavelmente tinha uma função de ensino em alguma sinagoga de fala grega, daí a iniciativa própria de perseguir a comunidade cristã como um fariseu, na firme convicção de que estava agindo zelosamente (*kata zelos*) e em obediência à lei de Deus.<sup>17</sup>

Foi a caminho de Damasco<sup>18</sup> que Saulo teve um encontro enigmático com o próprio Jesus e se converteu (At 9.3-9). Sem entrar no mérito da experiência pessoal da conversão de Paulo,<sup>19</sup> o fato é que ele passou a pregar o que antes perseguia e logo começou a ser perseguido por isso (At 9.20-25). Este é um dos principais acontecimentos da História do Cristianismo, e marca uma reviravolta no livro de Atos.

Integrado à Igreja (At 9.26-30), o apóstolo Paulo é separado, com Barnabé, para uma missão (At 13.2-3). Começaram a pregar primeiramente aos judeus (At 13.16-43), depois aos gentios (At 13.44-52). As viagens missionárias de Paulo pela Ásia Menor e pela Grécia concederam-lhe o título de apóstolo e doutor dos gentios (*goyim*), (Rm 11.13, 1Tm 2.7, Ef 3.8). Interessa ao propósito deste artigo a segunda viagem missionária de Paulo, acompanhado agora por Silas e Timóteo (At 15.40-41, 16.1-3). Foi nessa viagem que Paulo, saindo de Jerusalém, cruzando a

---

que tinham serviços separados por razões linguísticas: os “*Hebraioi*”, como maioria liderada pelos doze apóstolos e a minoria dos “*Hellenistai*” (HENGEL, 1992, p. 45).

<sup>16</sup> Hengel sugere que Lucas exagera para aumentar o drama de seu relato. Ênfase é dada ao perseguidor, representado de forma terrível, para que o missionário cristão brilhe mais ainda (HENGEL, 1992, p.44).

<sup>17</sup> HENGEL, 1992, p. 44.

<sup>18</sup> Como zeloso da Lei, Saulo foi enviado a Damasco porque provavelmente os hele-nistas (cristãos) exilados continuaram a agitação nessa cidade gentia e comercial que contava com uma comunidade judaica substancial (HENGEL, 1992, p. 48).

<sup>19</sup> Hengel concorda com o consenso que estabelece a data entre 31 e 34 d.C. para o evento de Damasco e a conversão de Paulo (HENGEL, 1992, p. 43).

Ásia Menor e a Macedônia, passando por Tiro, Sidom, Antioquia, Derbe, Listra, Icônio, Antioquia da Frígia, Trôade, Neápolis, Filipos, Apolônia, Tessalônica e Beréia, chegou ao interior e coração da Grécia: Atenas.

Atenas foi um dos maiores centros intelectuais do período helenístico-romano, juntamente com Alexandria, Pérgamo, Rodes e Roma.<sup>20</sup> A supremacia política ateniense durante o século V a.C., e o desenvolvimento dos conceitos de *technê e paideia*<sup>21</sup> nas escolas no decorrer do século IV a.C., garantiram a Atenas posição de centro intelectual do mundo helenístico por volta do ano 300 a.C.<sup>22</sup> No entanto, Atenas passou de uma cidade líder entre as cidades da Grécia Antiga para uma cidade que perdeu sua independência no século III a.C. Ainda assim, permaneceu preeminente entre as cidades-estado gregas pelo prestígio de suas escolas de filosofia.<sup>23</sup> Isso é facilmente compreensível, afinal, a alta cultura era uma força e um poder no meio político e social.<sup>24</sup>

Atenas já era o centro da filosofia grega um século antes da morte de Alexandre, e assim permaneceu mesmo quando o apoio e investimento dos ptolomeus, dinastia helenística egípcia fundada por Ptolomeu I, fez de Alexandria o principal centro de literatura e ciência.<sup>25</sup> Não havia filósofos e historiadores na corte ptolomaica. No início do período helenístico, os filósofos preferiam ficar em Atenas a se deslocar para centros

<sup>20</sup> ENGBERG-PEDERSEN, Troels. The relationship between intellectual and political centres in the Hellenistic world. In: BILDE, Per; ENBERG-PEDERSEN, Troels; HANNESTAD, Lise; ZAHLE, Jan (orgs.). *Centre and Periphery in the Hellenistic world*. Aarhus: Aarhus University Press, 1996, p.285.

<sup>21</sup> Sobre os conceitos de *technê e paideia* segue o comentário de Marrou: “ (...) esta (a *paideia*) não é mais apenas a técnica própria para a criança que a equipa e a prepara desde cedo para tornar-se um homem; por uma ampliação notável a mesma palavra, em grego helenístico, serve para designar o resultado desse esforço educativo, continuando para além dos anos escolares durante toda a vida a fim de realizar mais perfeitamente o ideal humano: *paideia*, vem a significar a cultura, entendida não no sentido ativo, preparatório, de educação, mas no sentido perfectivo que a palavra tem hoje entre nós: o estado de um espírito plenamente desenvolvido, tendo desabrochado todas as virtualidades, o do homem tornado verdadeiramente homem” (MARROU, Henri-Irenée. *História da Educação na Antigüidade*. São Paulo: Kirion, 2017, p. 178).

<sup>22</sup> ENGBERG-PEDERSEN, 1996, p. 287.

<sup>23</sup> SHIPLEY, 2000, p. 153.

<sup>24</sup> ENGBERG-PEDERSEN, 1996, p. 288.

<sup>25</sup> SHIPLEY, 2000, p. 176.



de poder político. Os maiores representantes das estabelecidas escolas atenienses de filosofia prezavam a liberdade intelectual, instituições sólidas e a independência que só Atenas tinha a oferecer.<sup>26</sup>

Atenas era a casa da filosofia. Em Atenas a filosofia institucionalizou-se, e as maiores expressões desse fenômeno foram a Academia de Platão (427-347 a.C.), fundada em Atenas por Platão no início do século IV a.C. (Diog. Laert. 3), e o Liceu de Aristóteles, onde Aristóteles (384-322 a.C.) passou a ensinar em 330 a.C. (Diog. Laert. 5.1-35). Porém, no período helenístico tardio, por volta do ano 100 a.C. em diante, não somente o centro do poder político, mas também o centro da filosofia se mudou de Atenas para Roma. Engberg-Pedersen chega a argumentar que o status de Atenas passou gradualmente de centro filosófico ativo para o que modernamente conhecemos como um museu.<sup>27</sup>

Quando o Apóstolo Paulo visitou Atenas em sua segunda viagem missionária, em torno de 50 d.C., o alto prestígio ateniense como centro intelectual certamente já tinha se esvaído. No entanto, o que o capítulo 17 de Atos nos revela é um cenário muito diferente de um museu, mas sim um cenário de efervescência intelectual, pelo menos no centro da cidade: a Ágora de Atenas.

Depois de ser perseguido pelos judeus em Tessalônica e em Bereia, junto com Silas e Timóteo (At 17.1-15), Paulo seguiu para Atenas. Em solo ateniense, Paulo se depara com vários ídolos e altares erguidos aos deuses gregos (At 17.1, 23). Começou então a debater e a pregar, primeiro na sinagoga dos judeus, depois na Ágora, a qualquer hora do dia com seus frequentadores (At 17.17). Na Ágora, alguns filósofos epicureus e estoicos começaram a questioná-lo sobre seu ensino. Atos relata que esses filósofos tomaram Paulo pela mão e o levaram ao Areópago<sup>28</sup>, dizendo:

Poderíamos saber qual é essa nova doutrina apresentada por ti?  
Pois são coisas estranhas que nos trazes aos ouvidos. Queremos, pois, saber o que isto quer dizer (At 17.19-20).<sup>29</sup>

<sup>26</sup> ENGBERG-PEDERSEN, 1996, p. 289-290.

<sup>27</sup> ENGBERG-PEDERSEN, 1996, p. 304-305.

<sup>28</sup> Sócrates, acusado de não reconhecer os deuses reconhecidos pelo Estado, introduzir novas divindades e corromper a juventude (Diog. Laert. 2.5.40), foi julgado e condenado à morte no Areópago em 399 a.C. (Plat. Apol. 17d, Fedro 59d).

<sup>29</sup> Tradução da BÍBLIA DE JERUSALÉM, 2002.

δυνάμεθα γνῶναι τίς ἡ καινὴ αὐτὴ ἢ ὑπὸ σοῦ λαλουμένη διδασχῆ;  
ξενίζοντα γάρ τινα εἰσφέρεις εἰς τὰς ἀκοὰς ἡμῶν· βουλόμεθα οὖν  
γνῶναι τίνα θέλει ταῦτα εἶναι.<sup>30</sup>

Atos ainda nos fornece uma informação muito interessante, a de que os atenienses e estrangeiros que residiam em Atenas tinham como principal entretenimento dizer e ouvir as últimas novidades (At 17.21); no contexto, últimas novidades em termos intelectuais. No romance *Quéreas e Calíroo*, do escritor do século I d.C., Cáriton de Afrodísias, os atenienses são representados até mesmo como curiosos, bisbilhoteiros, além de uma gente amiga de questões e entusiasmada pelos litígios do Areópago (1.11.6-7).<sup>31</sup>

As novidades que os atenienses ouviam de Paulo na Ágora e no Areópago eram nada menos que novidades sobre o nascimento do cristianismo. Se a Atenas de Platão e Aristóteles havia perdido seu clássico prestígio de centro intelectual, ainda lhe restava a efervescência filosófica, curiosidade e a honra de ser palco do encontro entre um ilustre visitante, Paulo, e seus filósofos estoicos e epicureus, representando o primeiro confronto entre filosofia grega e a fé cristã no Novo Testamento.<sup>32</sup>

## 2. A pregação de Paulo, os epicureus e os estoicos

Paulo foi levado ao Areópago por ser um “pregador de divindades estrangeiras” e estar anunciando Jesus e a Ressurreição (At 17.18). Então

<sup>30</sup> Texto grego do NOVO TESTAMENTO GREGO. In: NESTLE-ALAND. *Novum Testamentum Graece*. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 1993.

<sup>31</sup> “Todos estavam de acordo em fazer rumo para Atenas, só a Téron não agradava a curiosidade dessa gente: ‘Serão vocês os únicos que nunca ouviram falar da bisbilhotice dos Atenienses? É uma gente palradora e amiga de questões; logo no porto sicofantas aos milhares vão querer saber quem somos e de onde trazemos estas mercadorias. E vão-se encher de suspeitas terríveis, esses malvados. Ali mesmo entra em cena o Areópago e os magistrados, piores que tiranos’”. CÁRITON. *Quéreas e Calíroo*. Tradução, Introdução e Comentário por Maria de Fátima Silva. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra; São Paulo: Annablume, 2018. Disponível em: <https://digitalis-dsp.uc.pt>. Acesso em: 12/11/2020, p. 85.

<sup>32</sup> SILVA, Francisco José. O discurso de Paulo em Atenas, encontro entre fé cristã e filosofia grega. *Revista Helius*, n.1, p.15-26, 2013, p.15-26. Disponível em: <https://helius.uvanet.br/index.php/helius/article/view/17>. Acesso em: 10/11/2016.

Paulo, explicando seus ensinamentos, discursou de pé no meio do Areópago:

Cidadãos atenienses! Vejo que, sob todos os aspectos, sois os mais religiosos dos homens. Pois, percorrendo a vossa cidade e observando os vossos monumentos sagrados, encontrei até um altar com a inscrição: ‘Ao Deus desconhecido’. Ora bem, o que adorais sem conhecer, isto venho eu anunciar-vos. O Deus que fez o mundo e tudo o que nele existe, o Senhor do céu e da terra, não habita em templos feitos por mãos humanas. Também não é servido por mãos humanas, como se precisasse de alguma coisa, ele que a todos dá vida, respiração e tudo o mais. De um só ele fez toda a raça humana para habitar sobre a face da terra, fixando os tempos anteriormente determinados e os limites do seu hábitat. Tudo isto para que procurassem a divindade e, mesmo se às apalpadelas, se esforçassem por encontrá-la, embora não esteja longe de cada um de nós. Pois nele vivemos, nos movemos e existimos, como alguns dos vossos, aliás, já disseram: ‘Porque somos também de sua raça’. Ora, se nós somos de raça divina, não podemos pensar que a divindade seja semelhante ao ouro, à prata, ou à pedra, a uma escultura da arte e engenho humanos. Por isso, não levando em conta os tempos da ignorância, Deus agora notifica aos homens que todos se arrependam, porque ele fixou um dia no qual julgará o mundo com justiça por meio do homem a quem designou, dando-lhe crédito diante de todos, ao ressuscitá-lo dentre os mortos (At 17.22-31).<sup>33</sup>

ἄνδρες Ἀθηναῖοι, κατὰ πάντα ὡς δεισιδαιμονεστέροις ὑμᾶς θεωρῶ. 23 διερχόμενος γὰρ καὶ ἀναθεωρῶν τὰ σεβάσματα ὑμῶν εὔρον καὶ βωμὸν ἐν ᾧ ἐπεγέγραπτο, ἀγνώστῳ Θεῷ. ὁ οὖν ἀγνοοῦντες εὐσεβεῖτε, τοῦτο ἐγὼ καταγγέλλω ὑμῖν. 24 ὁ Θεὸς ὁ ποιήσας τὸν κόσμον καὶ πάντα τὰ ἐν αὐτῷ, οὗτος οὐρανοῦ καὶ γῆς ὑπάρχων κύριος οὐκ ἐν χειροποιήτοις ναοῖς κατοικεῖ, 25 οὐδὲ ὑπὸ χειρῶν ἀνθρώπων θεραπεύεται προσδεόμενός τινος, αὐτὸς διδοὺς πᾶσι ζωὴν καὶ πνοὴν καὶ τὰ πάντα· 26 ἐποίησέν τε ἐξ ἑνὸς αἵματος πᾶν ἔθνος ἀνθρώπων κατοικεῖν ἐπὶ πάντων πρόσωπου τῆς γῆς, ὀρίσας προστεταγμένους καιροὺς καὶ τὰς ὁροθεσίας τῆς κατοικίας αὐτῶν, 27 ζητεῖν τὸν κύριον, εἰ ἄρα γε ψηλαφήσειαν αὐτὸν καὶ εὗροιεν, καὶ γε οὐ μακρὰν ἀπὸ ἑνὸς ἐκάστου ἡμῶν ὑπάρχοντα. 28 ἐν αὐτῷ γὰρ

<sup>33</sup> Tradução da BÍBLIA DE JERUSALÉM, 2002.

ζῶμεν καὶ κινούμεθα καὶ ἐσμέν, ὡς καὶ τινες τῶν καθ' ὑμᾶς ποιητῶν εἰρήκασιν· τοῦ γὰρ καὶ γένος ἐσμέν. 29 γένος οὖν ὑπάρχοντες τοῦ Θεοῦ οὐκ ὀφείλομεν νομίζειν χρυσῶ ἢ ἀργύρῳ ἢ λίθῳ, χαράγματι τέχνης καὶ ἐνθυμήσεως ἀνθρώπου, τὸ θεῖον εἶναι ὅμοιον. 30 τοὺς μὲν οὖν χρόνους τῆς ἀγνοίας ὑπεριδὼν ὁ Θεὸς τα νῦν παραγγέλλει τοῖς ἀνθρώποις πᾶσι πανταχοῦ μετανοεῖν, 31 καθότι ἔστησεν ἡμέραν ἐν ἣ μέλλει κρίνειν τὴν οἰκουμένην ἐν δικαιοσύνῃ, ἐν ἀνδρὶ ᾧ ὄρισεν, πίστιν παρασχῶν πᾶσιν ἀναστήσας αὐτὸν ἐκ νεκρῶν.<sup>34</sup>

Em seu discurso Paulo faz um ataque direto ao politeísmo grego, evocando a unicidade do Deus judaico-cristão (1Co 8.4, Ef 4.6). É interessante notar que o apóstolo usa uma característica religiosa pagã, os vários monumentos sagrados e altares, para apontar o único Deus, aquele do altar “Ao Deus desconhecido”. Ao usar essa estratégia retórica, o discurso de Paulo não se limita a uma crítica ao politeísmo, mas procura também um ponto de contato onde sua pregação pudesse ser compreendida pelos gregos, pois ele estava lá para apresentar o Deus verdadeiro que os atenienses desconheciam.

O apóstolo contrapõe ainda o politeísmo ao monoteísmo num contraste entre os monumentos sagrados que viu pela cidade de Atenas, aí incluindo templos, ao Deus criador de todas as coisas que “não habita em templos feitos por mãos humanas”. Em complemento a essa ideia, Paulo argumenta que a divindade não pode ser servida ou feita como uma escultura pelas mãos dos homens em ouro, prata ou pedra. Nesse sentido, aproximava-se da concepção panteísta dos estoícos,<sup>35</sup> embora fosse apenas para alertá-los sobre a concepção errada que tinham de Deus.

Ao falar sobre o que há em comum entre a natureza de Deus e a dos homens, o discurso de Paulo fez uso de uma referência do poeta cretense Epimênides<sup>36</sup> (século VI a.C.): “Pois nele vivemos, nos movemos e

<sup>34</sup> Texto grego do NOVO TESTAMENTO GREGO, 1993.

<sup>35</sup> O estoicismo formulou a primeira concepção sistemática de panteísmo, nessa doutrina Deus coincide com o cosmos, pois Deus está em tudo e Deus é tudo (REALE; ANTISERI, 2003, p. 283-285).

<sup>36</sup> Apesar do discurso no Areópago ter sido registrado por Lucas, é interessante notar que Paulo também faz referência a Epimênides na *Epístola a Tito*, o reconhecendo mesmo como um profeta cretense (Tt 1.12). Paulo não cita o nome de Epimênides explicitamente, mas Clemente de Alexandria (150-215 d.C.) aponta o cretense como

existimos” (At 17.28) e de uma citação retirada dos *Fenômenos* do poeta Arato: “Porque somos também de sua raça” (*Fenômenos* 5, At 17.28). Essa citação tem significado semelhante ao que expressa o estoico Cleano em seu *Hino a Zeus*.<sup>37</sup> A ideia era explicar, sob a luz da revelação do Antigo Testamento, que a humanidade foi criada à imagem e semelhança de Deus<sup>38</sup> (Gn 1.26-27). O esforço do apóstolo envolveu tanto uma tentativa de gerar compreensão aos gregos, pela citação de poetas bem conhecido entre eles, como uma denúncia da idolatria dos atenienses, pois eles não poderiam adorar o Deus verdadeiro por meio de imagens.<sup>39</sup>

Sobre a questão da divindade, Paulo estava confrontando pelo menos três visões de mundo diferentes: o politeísmo tradicional da religião grega, o panteísmo dos estoicos e a percepção cética dos epicureus.

---

fonte para Tt 1.12 em *Stromata* 1.14. No contexto original, oculto em At 17.28, o poeta teria se referido a Zeus e não ao Deus judaico-cristão. Harris propõe uma reconstrução desse contexto e também do texto perdido de Epimênides: circulava entre os cretenses a crença de que Zeus foi um príncipe morto e enterrado em Creta após um ataque de um javali selvagem, daí a indignação de Epimênides ao acusá-los de mentirosos (Tt 1.12). Segundo o comentário do bispo Teodoro de Mopsuéstia (350-428 d.C.) a At 17.28, o mítico Minos, filho de Zeus, fez um panegírico ao pai refutando os cretenses, reafirmando sua imortalidade, pois nele viviam, se moviam e existiam. Sabe-se por Diógenes Laércio 1.112 que Minos foi tema de um poema por Epimênides, onde seria o lugar ideal para denunciar a mentira dos cretenses e afirmar a imortalidade e dependência em Zeus. Em suma, Harris sugere um texto comum que foi fonte para Tt 1.12 e At 17.28. HARRIS, J. Rendel. The Cretans always liars. *The Expositor*, Seventh series. 2, 1906, p. 305-317. St Paul and Epimenides. *The Expositor*, Eighth series. 4, 1912, p. 348-353.

<sup>37</sup> Cleano declara, em seu *Hino a Zeus*, que “a ti dirigir a saudação é direito de cada um de nós, mortais: somos de tua estirpe” (REALE; ANTISERI, 2003, p. 297). Sobre a concepção estoica de Deus segue o comentário: “Os Estóicos, como os Epicuristas, rejeitaram a concepção platônica da realidade incorpórea, e sustentaram que tudo que existe é corpóreo. Por isso o Deus estóico foi feito coincidir com a natureza, e, por conseguinte foi identificado com o princípio agente intrínseco à matéria, que é forma de todas as coisas. Naturalmente, interpretado desse modo, o Deus estóico não pode ser pessoal, e, por conseguinte, a prece não teria um sentido preciso. Todavia, já no âmbito da primeira Estoá, com Cleano se manifestou vivo senso religioso, como demonstra esse Hino a Zeus, no qual a racionalidade impessoal do universo se colore com tintas pessoais” (REALE; ANTISERI, 2003, p. 297).

<sup>38</sup> FABER, Riemer. The Apostle and the Poet: Paul and Aratus. *Clarion* Vol. 42, n. 13, 1993. Disponível em: <https://spindleworks.com/library/rfaber/aratus.htm>. Acesso em: 15/02/2019.

<sup>39</sup> FABER, 1993.

O panteísmo dos estoicos ensinava que Zeus não era um deus em forma de um ser humano, mas uma força que permeava todas as coisas animadas e inanimadas. A teoria atômica<sup>40</sup> do universo de Epicuro<sup>41</sup> via o universo como um sistema mecânico e impessoal, onde os deuses existem, mas são remotos e desinteressados nas questões humanas (Epist. Men. 2). O apóstolo dos gentios apresenta então o Deus pessoal e interessado na história humana, O que chama ao arrependimento devido ao julgamento que virá por Jesus Cristo, que ressuscitou dos mortos.

Ao falar sobre ressurreição dos mortos Paulo foi zombado e ouviu o barulho de risos no Areópago, embora outros tivessem se interessado e quisessem ouvi-lo acerca do tema outra vez (At 17.32). Em *Alexandre ou o Falso Profeta*, Luciano de Samósata (c. 125-190 d.C.) apresenta a postura de enfrentamento de filósofos epicureus, ou seguidores de Epicuro, a pregadores ou charlatães religiosos, como foi o caso de Alexandre de Abonotico, a quem os epicureus colocavam em apuros devido ao espírito crítico diante de toda sorte de charlatanices (*Alexandre*, 25, 43-45). Além disso, em *Sobre a natureza das coisas*, o poeta romano Lucrécio (século I a.C.) já apresentava a aversão da filosofia epicurista à religião, como algo opressor e supersticioso (1.62-79, 80-101). Mas que tipo de estranhamento acerca da doutrina da ressurreição dos mortos fez com que Paulo fosse zombado e filósofos epicureus ou estoicos rissem dele? Para compreender o riso é preciso entender as concepções do epicurismo e do estoicismo sobre a questão da morte.

---

<sup>40</sup> Epicuro resumiu sua teoria física em doze princípios. Com as devidas adaptações para uma terminologia moderna, pode-se listar os sete primeiros princípios como (1) a matéria é incriável, (2) a matéria é indestrutível, (3) o universo é constituído por átomos e espaço, (4) todas as coisas existentes são átomos ou combinações de átomos, (5) os átomos são infinitos, (6) o espaço é infinito em extensão e (7) os átomos estão sempre em ação (DeWITT, 1954, p. 11-12).

<sup>41</sup> Epicuro nasceu em 341 a.C., viveu, portanto, em um período de transição entre uma cultura grega local e introvertida e a cultura cosmopolita e extrovertida do período helenístico (DeWITT, 1954, p.3). O princípio básico da ética epicurista era a felicidade (*eudaimonia*), tema central da *Carta a Meneceu*, que podia se obter pela tranquilidade e imperturbabilidade (*ataraxia*). A ausência de dor, ausência de distúrbios na mente e a busca do prazer de forma equilibrada e moderada seriam os fatores que garantiriam a *ataraxia* (Diog. Laert. 10.131-132).

O pensamento de Epicuro sobre a morte é que esta seria apenas o fim da sensação e a dissolução dos átomos.<sup>42</sup> Segundo o filósofo não há prazer ou dor na morte, a morte não é ruim nem boa, pois é a ausência de sentidos (Diog. Laert. 10.124), logo, a morte não representa nada para nós: “Morte, portanto, o mais terrível mal, é nada para nós, vendo que, quando existimos a morte não está presente, mas quando a morte está presente, então, nós não existimos mais” (Diog. Laert. 10.125 = Epist. Men. 3).

Para quem tivesse uma visão de mundo epicurista seria difícil pensar em como após a morte, o início da dissolução dos átomos, o processo pudesse ser interrompido ou revertido pela ressurreição. Já os estoicos percebiam a morte como um fato inevitável e, por isso mesmo, deviam se acostumar com a ideia de aceitá-la. A morte, de acordo com o estoicismo, apesar de física e biologicamente negativa, é algo moralmente indiferente (*adiáphora*).<sup>43</sup>

No judaísmo helenístico também existia um grupo que não acreditava na ressurreição da carne, os saduceus (Mt 22.23, Mc 12.18, Lc 20.27, At 23.8). Por Flávio Josefo (37-100 d.C.), sabemos que as crenças na imortalidade da alma, em punições e recompensas no *hades* não faziam parte da doutrina dos saduceus (BJ 2.162), além disso, para eles as almas morriam com os corpos (AJ 18.16). Os saduceus tendiam a ser um grupo bastante conservador em relação a novas ideias teológicas (AJ 18.16). Em At 23.1-10, ao ser interrogado perante o Sinédrio, Paulo se utiliza das divergências entre saduceus e fariseus<sup>44</sup> para afirmar que estava sendo julgado por ser fariseu, por causa da esperança e a crença na ressurreição dos mortos (At 23.6).

Assim como entre os judeus era mais fácil que os fariseus aceitassem a ideia da ressurreição de Jesus Cristo que os saduceus, entre os filósofos de Atenas, a visão de mundo epicurista aparentemente era a que mais apresentava barreiras para aceitação da pregação de Paulo.

<sup>42</sup> SHIPLEY, 2000, p. 102.

<sup>43</sup> REALE; ANTISERI, 2003, p. 290.

<sup>44</sup> Flávio Josefo descreve a doutrina dos principais grupos dentro do judaísmo em sua época: essênios, saduceus e fariseus (AJ 18.11). De acordo com o historiador os fariseus acreditavam no destino, mas também no livre-arbítrio do homem; na imortalidade da alma e em recompensa para os justos e punição para os ímpios (AJ 18.12, BJ 2.162).

Portanto, possivelmente entre os filósofos epicureus estavam os que mais zombaram da ideia de ressurreição, enquanto que entre os estoicos estavam aqueles que queriam ouvir Paulo mais uma vez acerca do assunto, embora a fonte divida o grupo apenas entre os que zombaram e os que creram (At 17.32-34).

### Considerações finais

O conhecimento da história e filosofia helenísticas proporciona a compreensão das seguintes questões no texto de Atos dos Apóstolos 17.15-34:

1. Apesar de ter perdido seu prestígio como principal centro intelectual desde o período helenístico tardio (100 a.C.), Atenas, mesmo à época da visita de Paulo (50-52 d.C.), **não pode** ser considerada um tipo de museu, pois mostrava ainda efervescência intelectual e curiosidade no dizer e ouvir sobre as últimas novidades (At 17.21, *Quéreas e Calírroe* 1.11.6-7).
2. A primeira tentativa de Paulo para estabelecer um ponto de contato com as ideias dos politeístas e filósofos foi explicar a natureza do “Deus desconhecido” (At 17.23-29). Nesse momento o apóstolo se aproxima da concepção panteísta dos estoicos, mas se afasta tanto dos estoicos como do ceticismo epicurista sobre os deuses quando apresenta um Deus pessoal e envolvido com a história humana (At 17.30-31).
3. A crença na ressurreição de Jesus Cristo era mais aceitável para Paulo, como um fariseu, do que para qualquer um dos saduceus, que não contavam com a ideia de ressurreição em sua doutrina. Apesar de a visão de mundo epicurista e estoica serem ambas materialistas,<sup>45</sup> a teoria física dos epicureus foi provavelmente a que mais oferecia resistência à aceitação da ressurreição.

---

<sup>45</sup> “Não devemos esquecer que as duas Escolas tinham os mesmos objetivos e a mesma fé materialista e que, portanto, trata-se de duas filosofias que se movem no mesmo plano de negação da transcendência e não de duas filosofias que se movem em planos opostos” (REALE; ANTISERI, 2003, p. 280).



A pregação de Paulo em Atenas obteve um sucesso relativo, pois, embora tenha sido zombado, o apóstolo dos gentios assistiu naquele dia à conversão de Dioniso, o Areopagita, Dâmaris e outros que crearam (At 17.34). Embora fosse erudito, ao perceber que a anunciação da ressurreição do Cristo seria escândalo para os judeus e loucura entre os gentios (1 Co 1.23), o apóstolo Paulo decidiu dali em diante admitir a perplexidade do mistério da ressurreição, doutrina basilar da fé cristã. Assim, Paulo passou a anunciar que o evangelho que pregava não era baseado em linguagem persuasiva e na sabedoria humana, provavelmente se referindo a seu encontro com os filósofos, mas em demonstrações do poder de Deus (1 Co 2.1-5).

### Referências

- ARATO. *Phaenomena*. G. R. Mair. London: William Heinemann; New York: G.P. Putnam's Sons, 1921.
- BÍBLIA DE JERUSALÉM. São Paulo: Paulus, 2002.
- CÁRITON. *Quéreas e Calíroo*. Tradução, Introdução e Comentário por Maria de Fátima Silva. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra; São Paulo: Annablume, 2018. Disponível em: <https://digitalis-dsp.uc.pt>. Acesso em: 12/11/2020.
- DEWITT, Norman Wentworth. *St. Paul and Epicurus*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1954.
- DIÓGENES LAÉRCIO. *Lives of Eminent Philosophers*. Traduzido por R.D. Hicks. Cambridge: Harvard University Press, 1972.
- ENGBERG-PEDERSEN, Troels. The relationship between intellectual and political centres in the Hellenistic world. In: BILDE, Per; ENGBERG-PEDERSEN, Troels; HANNESTAD, Lise; ZAHLE, Jan (orgs.). *Centre and Periphery in the Hellenistic world*. Aarhus: Aarhus University Press, 1996, p. 285-315.
- EPICURO. In: *Lives of Eminent Philosophers*. Traduzido por R.D. Hicks. Cambridge: Harvard University Press, 1972.
- FABER, Riemer. The Apostle and the Poet: Paul and Aratus. *Clarion* Vol. 42, No, 13, 1993. Disponível em: <https://spindleworks.com/library/rfaber/aratus.htm>. Acesso em: 15/02/2019.

- FLÁVIO JOSEFO. *The Works of Flavius Josephus*. Traduzido por William Whiston, A.M. Auburn and Buffalo. John E. Beardsley, 1895.
- HARRIS, J. Rendel. The Cretans always liars. *The Expositor*, Seventh Series. 2, p. 305-317, 1906.
- \_\_\_\_\_. St Paul and Epimenides. *The Expositor*, Eighth series. 4, p. 348-353, 1912.
- HENGEL, Martin. The Pre-Christian Paul. In: LIEU, Judith; NORTH, John; RAJAK, Tessa (eds). *The Jews among Pagans and Christians in the Roman Empire*. London: Routledge, 1992.
- LUCIANO DE SAMÓSATÁ. Luciano [I]. Tradução do grego, introdução e notas de Custódio Magueijo. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2012. Disponível em: <https://digitalis-dsp.uc.pt>. Acesso em: 14/11/2020.
- LUCRÉCIO. *Da natureza*. Tradução e notas de Agostinho da Silva. São Paulo: Abril Cultural, 1980.
- MARROU, Henri-Irenée. *História da Educação na Antigüidade*. São Paulo: Kírion, 2017.
- MASON, Steve. *Josephus and the New Testament*. Massachusetts: Hendrickson Publishers, 2003.
- MOMIGLIANO, Arnaldo. *Os Limites da Helenização. A interação cultural das civilizações grega, romana, céltica, judaica e persa*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1991.
- NESTLE-ALAND. *Novum Testamentum Graece*. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 1993.
- PAUL, André. *O que é o intertestamento*. São Paulo: Paulinas, 1981.
- PLATÃO. *Plato in Twelve Volumes*, Vol. 1 traduzido por Harold North Fowler. Cambridge, MA: Harvard University Press; London: William Heinemann Ltd, 1966.
- REALE, Giovanni; ANTISERI, Dario. *História da filosofia: filosofia pagã antiga*. São Paulo: Paulus, 2003.
- SHIPLEY, Graham. Religion and Philosophy. In: SHIPLEY, Graham. *The Greek World after Alexander*. New York and London: Routledge, p. 153-191, 2000.
- \_\_\_\_\_. Recent trends and new directions. In: BUGH, Glenn (org.). *The Cambridge Companion to the Hellenistic world*. Cambridge: Cambridge University Press, p. 315-326, 2007.

- SCHNABEL, Eckhard J. The Muratorian Fragment: the state of research. *Journal of the Evangelical Theological Society* 57/2, p. 231-264, 2014.
- SILVA, Francisco José. O discurso de Paulo em Atenas, encontro entre fé cristã e filosofia grega. *Revista Helius*, n.1, p.15-26, 2013. Disponível em: <https://helius.uvanet.br/index.php/helius/article/view/17>. Acesso em: 10/11/2016.

Submetido em: 01/08/2019

Aceito em: 25/11/2020